

## RELAÇÕES DIALÓGICAS EM MEMES DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA “EU SOU A UNIVERSAL”

### DIALOGICAL RELATIONS IN MEMES OF “I AM THE UNIVERSAL CHURCH” ADVERTISING CAMPAIGN

Michel Pratini Bernardo da Silva<sup>88</sup>

Pedro Farias Francelino<sup>89</sup>

Raniere Marques de Melo<sup>90</sup>

**RESUMO:** As redes sociais constituem, contemporaneamente, uma instância saturada de enunciados das mais diversas orientações ideológicas. Esses enunciados, por seu turno, veiculam diferentes posições axiológicas valorativas dos discursos que circulam socialmente. O *meme* virtual inclui-se nessa complexa corrente da comunicação discursiva e cumpre seu lugar como gênero discursivo que conjuga diferentes materialidades semióticas, como palavras, imagens, fotografias etc., visando, por meio do humor, retratar fatos e acontecimentos sociais, históricos e discursivos. Objetivamos, neste artigo, analisar as relações dialógicas que presidem o funcionamento discursivo de *memes* com a temática “Eu sou a Universal”, campanha publicitária da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Nossa análise fundamenta-se nos pressupostos teóricos dos escritos de *Bakhtin e o Círculo*, bem como nas reflexões sobre linguagem e discurso desenvolvidas por Faraco (2003), Brait (2012), dentre outros. Quanto ao delineamento metodológico, a pesquisa pauta-se pelo paradigma qualitativo-interpretativista, uma vez que descreve, analisa e interpreta os dados recortados para a leitura dialógica, dados esses concebidos como enunciados concretos produzidos em situação real de interação socioverbal. O *corpus* é composto por dois *memes* coletados na rede social *Facebook*, em junho de 2017. As análises ratificam a tese de que nossos enunciados constituem sempre uma tomada de posição frente aos objetos de discurso que nos são dados à leitura e que os *memes* refletem e refratam a realidade retratada mediante o posicionamento axiológico do sujeito que enuncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações dialógicas. Posicionamento axiológico. *Meme*. Campanha publicitária.

**ABSTRACT:** The social networks constitute, contemporaneously, an instance replete with diverse dialogical orientation orders of utterances. These utterances carry out different ideological value positions of discourse produced socially. The virtual meme makes part of this complex chain of discursive communication as well as having its place as a discursive genre that conjugates different semiotic materials such as words, images, photographs etc.; besides, it views, by humor, to refract facts and social, historical discursive events. Thus, we aim to analyze the dialogical relations that establish the discursive functions of memes with the thematic “I am the Universal Church”, the advertising campaign of *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD). The analysis is grounded on the theoretical positions of Bakhtin and *The Circle*, in reflections about language and discourse developed by Faraco (2003), Brait (2012), among others, as well. Methodologically, the research is established by qualitative-interpretative paradigm, because it describes, analyses and interprets the data chosen for the dialogical reading, these ones conceived as concrete utterances produced in real situations of socio-verbal interaction. The *corpus* is composed by two memes collected from Facebook in July of 2017. The analyses point the thesis that our utterances always constitute the taking of position before the objects of discourse that are given to us in the reading process and that the memes reflect and refract in accordance with the axiological position of the subject that enunciate.

**KEYWORDS:** Dialogical relation. Axiological position. *Meme*. Advertising campaign.

<sup>88</sup> Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Endereço eletrônico: mchel\_pbs@hotmail.com

<sup>89</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Endereço eletrônico: pedrofrancelino@yahoo.com.br

<sup>90</sup> Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Endereço eletrônico: prof.ranieremarques@gmail.com

## 1 Introdução

Segundo Mariano (2004), oneopentecostalismo, movimento religioso protestante que surgiu na década de 1970 no Brasil, caracteriza-se por enfatizar a guerra espiritual entre o cristão e o Diabo, bem como por ressaltar a ideologia da prosperidade, uma visão teológica que defende o fiel como próspero, saudável e vitorioso. No país, essa ramificação do cristianismo protestante teve início com a fundação das igrejas Universal do Reino de Deus (1977, RJ), Internacional da Graça (1980, RJ) e Sara Nossa Terra (1976, GO).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), liderada pelo bispo, televangelista e escritor Edir Macedo, é uma das instituições neopentecostais que mais cresceu no Brasil. Com oito anos de existência, a entidade religiosa já apresentava 195 templos em catorze estados brasileiros e no Distrito Federal (MARIANO, 2004, p.122). Considerada um grande império religioso, A IURD comprou, em 1989, uma das mais importantes emissoras de TV do país, a partir da qual dissemina diariamente, através de cultos e campanhas, a ideologia neopentecostal.

Entre as campanhas que desenvolve na atualidade, encontramos a “Eu sou a universal” que veicula a visão do que é ser um membro dessa instituição. Nela, observamos vídeos que mostram pequenos testemunhos acerca da vida pessoal, profissional e espiritual dos fiéis. Em seus relatos, os integrantes da IURD afirmam que, após se tornarem membros da comunidade, alcançaram um relacionamento amoroso saudável, uma família estruturada e uma vida financeira próspera.

Com base nessas considerações, objetivamos investigar as relações dialógicas no processo de construção de sentidos de *memes* com a temática “Eu sou a Universal”, campanha publicitária da IURD. Nossa análise fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos de *Bakhtin e o Círculo*, bem como nas reflexões discursivas de Faraco (2003), Brait (2012), Fiorin (2016), dentre outros.

Neste estudo, consideramos os *memes* virtuais como gêneros discursivos que abrigam textos verbo-visuais, através de imagens, figuras e fotografias, frases ou palavras-chaves. Eles propagam informações e podem ser compartilhados entre usuários da rede – internet – por meio de “projetos de dizer” de cada enunciação envolvida. Nesse sentido, a teoria bakhtiniana considera essa matéria sígnica como enunciado concreto, como veiculadora de ressonâncias dialógicas.

Este trabalho é de cunho qualitativo-interpretativista, uma vez que descreve, analisa e interpreta os dados recortados para a leitura dialógica. Pertence também aos estudos que se inserem no paradigma enunciativo, já que concebe cada *meme* como um enunciado concreto produzido em uma situação real de comunicação. O *corpus* é composto por dois *memes* coletados na rede social *Facebook*, em junho de 2017. Após a coleta dedados, procedemos à análise e à interpretação.

Nosso artigo apresenta a seguinte organização: na primeira parte, há uma reflexão sobre as noções de enunciado concreto, dialogismo, discurso de outrem e polifonia; na segunda, apresentamos a análise e a interpretação dos *memes* coletados. Em seguida, e por fim, expomos algumas conclusões acerca da nossa investigação.

## 2 A linguagem na perspectiva de *Bakhtin e o Círculo*

Bakhtin e Círculo desenvolveram reflexões de cunho filosófico para os estudos linguísticos contemporâneos, especialmente para os que compõem o paradigma enunciativo-discursivo. Na concepção dos estudiosos do Círculo, a língua não é considerada um sistema abstrato de signos nem tampouco resultado da *psique* de um indivíduo. Ela é um fenômeno

social, um produto da interação verbal entre os interlocutores que interagem em uma dada situação de enunciação. Dessa forma,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 127).

Assim, a língua é resultado da interação social, é um fenômeno vivo, concreto e dinâmico. Nessa perspectiva, estuda-se a língua em suas situações reais de comunicação, sem dispensar os aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos que lhe são determinantes. Para Volóchinov (1930),

Nos é necessário, sobretudo, reter a ideia de que a linguagem não é alguma coisa de imóvel, fornecida de uma vez por todas, e rigorosamente determinada em suas “regras” e em suas “exceções” gramaticais. Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social (VOLÓCHINOV, 1930, p.1).

A língua, para o Círculo, não é algo imóvel. Ela se estabelece na corrente da comunicação verbal, que corresponde às variadas formas que compõem o vir-a-ser da comunicação social entre os falantes nativos de uma determinada língua. Por isso, “a verdadeira essência da linguagem é o evento da interação verbal e ela se encontra concretizada em um ou vários enunciados” (VOLÓCHINOV, 1930, p.1), unidade de comunicação discursiva, que abordaremos a seguir.

## 2.1 O enunciado concreto

Para Bakhtin (2003), a língua se realiza por meio de enunciados concretos nos diversos campos de atividades humanas que refletem e refratam uma realidade a sua maneira. Essas unidades de comunicação discursiva veiculam os posicionamentos valorativos dos sujeitos que se inscrevem em um dado campo de atividade humana. Elas são espaços de ideologias, são arenas de choques, embates e conflitos diversos.

Os enunciados apresentam um caráter social, uma vez que somente na interação social ganham forma, conteúdo e sentido. Desagregado de tal realidade, são, apenas, unidades abstratas e hipotéticas da língua. Eles se caracterizam como um evento social, um acontecimento sócio-histórico que nasce e renasce no processo de enunciação. Conforme Brait e Melo (2012, p.67), essas unidades reais de comunicação da língua apresentam um aspecto verbal e outro extraverbal, sem os quais é impossível o processo de construção de sentidos.

Segundo Volóchinov (1927), uma das particularidades da enunciação “consiste em que ela, mediante milhares de fios, entrelaça-se com o contexto extraverbal da vida e, ao ser separada deste, perde quase por completo o seu sentido; quem desconhece seu contexto vital mais próximo não a entenderá”. Dessa forma, as dimensões verbal e extraverbal constituem o todo da unidade de comunicação real da língua.

Cabe ainda ressaltar, de acordo com Brait (2009), que alguns textos apresentam uma peculiaridade indissolúvel: são verbais e visuais. Conforme a autora, essas materialidades são constitutivas e não podem ser tratadas, pelo analista, de maneira excludente. Verbal e visual estão *geneticamente articulados*, como poderemos observar nos *memes* que serão analisados

mais à frente neste artigo. Dessa forma, Brait defende o texto verbo-visual como um enunciado concreto, uma unidade de comunicação discursiva verbo-visual.

Ainda conforme a autora, a exclusão de qualquer uma das partes que constitui o enunciado verbo-visual implica na amputação de parte do plano de expressão e, por conseguinte, da compreensão das formas de produção enunciado, uma vez que ver e ler se dão de modo simultâneo. Dessa forma, compreende-se, a partir do exposto, que verbal e visual se fundem no processo de instauração dos possíveis sentidos do gênero discursivo *meme*. Eles são, por sua vez, aspectos constitutivos, inseparáveis, casados e indissolúveis.

### 2.1.1 Os tipos relativamente estáveis de enunciados

Os campos de atividades humanas, de acordo com Bakhtin (2003), produzem seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso. Para o autor, falamos por meio de formas típicas de construção do todo, uma vez que dispomos de um rico repertório que, em termos práticos, empregamos de forma habilidosa, mas, em termos teóricos, podemos desconhecê-lo totalmente. Há, portanto, uma diversidade de gêneros que empregamos nas variadas situações de comunicação em que nos expomos durante o nosso dia a dia. Assim, desde um bate-papo à escrita de uma tese, moldamos nossos discursos em forma de gêneros.

Conforme Bakhtin (2003), os gêneros do discurso apresentam três componentes específicos, a saber: estrutura composicional, conteúdo temático e estilo. Segundo Fiorin (2006), a estrutura composicional corresponde ao modo de organização e estruturação do enunciado, enquanto o conteúdo temático é o propósito comunicativo, que não deve ser confundido com o assunto do texto. Já o estilo refere-se aos meios linguísticos, isto é, às combinações fraseológicas e gramaticais e às escolhas lexicais empregadas pelo autor na construção de um determinado gênero do discurso.

Sob esse prisma de compreensão, concebemos, aqui, *meme* virtual como gênero discursivo, pois possui uma ancoragem em um espaço de criação e de recepção por sujeitos reais; está, pois, dialogicamente constituído das novas formas de interação do espaço virtual, sobretudo, daquelas presentes nas redes de comunicação existentes na internet, a exemplo do GIF. Ademais, possui os seus três componentes específicos apontados por Bakhtin, isto é, estruturalmente representado, demonstrando o conteúdo temático e o estilo de quem o produz. Em outros termos, o gênero *meme* possui uma estrutura relativamente estável (fotos, gifs, frases, imagens, etc.), a qual denominamos estrutura composicional; trata e/ou refere-se sempre a um tema social que está na ordem do dia, o que compreende o conteúdo temático; por fim, carrega e manifesta, através de uma linguagem humorística, as intencionalidades de um dado enunciador – estilo.

Assim considerando, como os *memes* virtuais revelam um *projeto enunciativo* e uma *intencionalidade enunciativa* de um alguém para um outro, por isso, são considerados gêneros discursivos. Eles nascem e caem no ostracismo no espaço virtual. Quanto mais fecundo, mais replicador será e, dificilmente, desaparecerá. Eles são conhecidos tanto como replicadores de informações e de acontecimentos do cotidiano, quanto como propagadores de ideias às pessoas. O termo e conceito de *meme* foi traçado por Richard Dawkins (2007) na obra *O Gene Egoísta*, cuja elucidação teórica associa o gene humano, replicador de informações biológicas e genética, ao *meme*, transmissor cultural.

A esse respeito, tal associação entre os nomes parece, *a priori*, tanto ter motivação fonética – (gene > meme) – no que diz respeito à formulação do vocábulo, quanto demonstrar uma redução vocabular de “mimeme”, do grego:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para *meme*. Se isso servir de consolo, podemos pensar, aleatoriamente, que a palavra “meme” guarda relação com “memória”, ou com a palavra francesa *même* (DAWKINS, 2007, p.330).

Com base nessa assertiva, Dawkins concebe esse gênero a partir de uma analogia entre a evolução genética e a transmissão/evolução cultural, acreditando que os *memes* eram propagadores de uma ideia, de forma semelhante aos genes, “saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação” (DAWKINS, 2007, p.330), o que ratifica, a partir da teoria bakhtiniana, o caráter dialógico da linguagem.

### 2.1.2 O dialogismo: princípio constitutivo do enunciado concreto

O enunciado, para *Bakhtin e o Círculo*, é eminentemente dialógico, isto é, estabelece relações de sentido entre si. Nessa acepção, ele é uma réplica, uma resposta responsiva ativa, uma vez que parte de um já-dito e suscita uma nova resposta. Dessa forma, dois enunciados, separados por espaço e por tempo distintos, podem estabelecer relações de sentidos, mesmo que não saibam um da existência do outro. Para Bakhtin (2003), o enunciado sempre festejará seu renascimento, pois não está morto. Assim, um dia, cada sentido será lembrado e surgirá, no grande tempo, de forma renovada.

Para o autor, não há primeira nem última palavra quando falamos em contexto dialógico, pois os sentidos do passado jamais serão acabados (finalizados ou concluídos), antes, em qualquer momento, poderão ser convocados e, por consequência, atualizados. O enunciado é um participante do diálogo social, uma vez que

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, [1895-1975] 1993, p. 86).

Dessa forma, um objeto do discurso apresenta-se perpassado por pontos de vista, circuncidado por apreciações valorativas, embebido, cercado e envolto por discursos outrem, com os quais estabelece relações de sentidos diversas. Assim, para constituir nosso discurso, levamos em consideração os pontos de vista alheios.

Nossos enunciados, por sua vez, apresentam fragmentos e/ou ideias de outros enunciados provenientes da interação imediata que estabelecemos com os nossos interlocutores ou da relação que desenvolvemos com a heterogeneidade discursiva no decorrer da nossa existência. Para Fiorin (2016), todos os enunciados são heterogêneos, pois apresentam, no mínimo, duas posições: a minha e aquela em oposição à qual a minha se constrói. Essas unidades de comunicação discursiva, então, têm a propriedade de ser dialógica. Segundo Bakhtin,

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras

criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.294-295).

Dessa forma, os enunciados, provenientes da nossa experiência discursiva constituída em meio à alteridade, apresentam discursos de outrem, com os quais interagimos e estabelecemos relações de concordância, discordância, refutação, aplicação etc. Destacamos que as palavras alheias não são introduzidas, em nosso discurso, de forma mecânica, pois estão a serviço do nosso querer-dizer. Criamos, para elas, uma moldura dialógica, damos-lhes, por sua vez, em determinado contexto enunciativo, um acento e uma tonalidade valorativa.

Os enunciados, assim, não estabelecem uma simples alusão. Eles são condicionados, ou subjugados, à intenção discursiva de um enunciador que lhes dá uma nova coloração. Convém afirmar que, mesmo que um enunciado seja convocado para outro contexto, com a maior precisão possível, estará impregnado das intenções, do acento e das expressões do seu segundo senhor.

De acordo com Fiorin (2017), os enunciados são heterogêneos porque a nossa apreensão acerca do mundo é situada historicamente, uma vez que o sujeito está sempre em relação com o outro (s). Assim, nossa consciência individual se constitui apreendendo a diversidade de vozes sociais com as quais interage. Nesse entremeio, vamos construindo os nossos valores sociais e ideológicos, vamos nos posicionando valorativamente acerca das coisas no mundo.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* ([1895-1975] 2013), Bakhtin discutiu as vozes na prosa romanesca. Para o autor, *Dostoiévskié* o criador do romance polifônico, uma vez que suas personagens não são subjugadas à voz do narrador, mas apresentam posicionamentos distintos, livres e independentes. Sua obra não é monológica, mas caracterizada por uma interação de vozes imiscíveis e equipolentes. Ela é, portanto, polifônica.

Segundo Bezerra (2012), a obra monológica é surda à resposta do outro, é centralizadora, portanto, as personagens são dependentes do eu-narrativo. Já na obra polifônica, o autor é dialógico, dá autonomia às personagens e dialoga com elas, concordando, discordando, interrogando, refutando, ou seja, interagindo de diversas maneiras. Ele é, por sua vez, uma consciência criadora que busca interagir, de forma ativa, com as personagens.

Com base nessas breves considerações, partiremos, na próxima seção, para a análise dos dados aludidos no início deste artigo.

### **3 “Eu sou a universal”: relações dialógicas em memes sobre propaganda publicitária da IURD**

Como ponto de partida deste tópico, sob esse mirante teórico, analisaremos, neste primeiro momento, um meme que circula no Facebook, o qual traz como enfoque um embaralhamento do discurso publicitário da IURD – “eu sou a universal” – com o enunciado “sou ladrão e vacilão”, amplamente publicizado pela mídia, em virtude de um acontecimento midiático do qual trataremos mais à frente. Do ponto de vista linguístico, grosso modo, percebe-se que esse embaralhamento se dá, inclusive, pela repetição do mesmo verbo “sou”, conjugado na mesma pessoa “eu” em ambos enunciados. Nesse contexto, tendo como premissa nosso objetivo anunciado, analisaremos os encadeamentos dialógicos dos enunciadores materializados nestes enunciados:

Figura 1 – Meme1



Esse *meme* é encontrado na página do *Facebook*, especificamente na comunidade @BispoMorcego, criada em 20 de março de 2013, e possui 54.121 seguidores, os quais, em grande parte, identificam-se com as críticas endereçadas aos principais pastores neopentecostais e as suas respectivas igrejas. Percebemos, no que se refere ao nome da comunidade, a estratégia do produtor ao estabelecer um jogo sonoro realizado com os vocábulos *Morcego* com *Macedo*, com o intuito de se referir ao bispo Edir Macedo, a partir de uma simbologia naturalizada no mundo ocidental, como vampiro, como bruxo, visualmente marcada na página.

O enunciado foi publicado em 14 de junho de 2017 e obteve 368 curtidas, 160 compartilhamentos<sup>91</sup>, o que representa um alcance significativo, quando levamos em conta estes dois aspectos: o número de pessoas que seguem a comunidade e a característica do *meme* – propagador de descendentes no mundo virtual. Em se tratando de outra característica, para Recuero (2014), o *meme* também é um replicador, uma vez que possui um grau de fidelidade ao original; orienta-se, nesse sentido, por um enunciado já-dito e tem visivelmente nuances de um acontecimento que lhe é anterior, mas que o ressignificou.

Em relação a esse evento primeiro, trata-se de uma prática de agressão e de justificação ocorrida no dia 09 de junho de 2017, quando dois homens tatuaram a testa de um adolescente de 17 anos, em São Bernardo do Campo–SP, por suspeita de furto de uma bicicleta. Na ocasião, os adultos gravaram o momento da agressão e, posteriormente, publicaram-no na internet<sup>92</sup>. Essa é, de fato, uma manifestação autoritária de um poder despótico cuja essência se dá em marcar no rosto do outro aquilo que, supostamente, pertencia ao sistema de valor desses agressores.

Embora tal ato, em si, não seja o nosso foco de leitura e de interpretação aqui, ressaltamos que essa mesma prática discursiva de carregar no corpo o nome da “transgressão” é encontrada, também, no discurso estético, como no romance “A Letra Escarlate”, de Nathaniel Hawthorne. Esse romance, de 1850, trata de Hester, uma jovem enviada pelo marido a Boston, para que o esperasse. Depois de 2 anos de uma vida imaculável, a jovem aparece

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/BispoMorcego/photos/a.207630296031981.44874.207281832733494/1227810590680608/?type=3&theater>. Acesso em: 9 de julho de 2017.

<sup>92</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yz3uN82cQmw>. Acesso em 8 de julho de 2017.

grávida. Para tal ato, os puritanos da Nova Inglaterra de 1666 impunham sobre as suas vestes, sobre o seu peito, uma letra escalarte “A”, sempre visível, a fim de distingui-la como adúltera naquela sociedade. Como podemos perceber, a mesma prática e a mesma forma de castigo do século XVII, embora condenada pelos Direitos Humanos da sociedade contemporânea, ainda acontece, como observamos no caso do menor tatuado; contudo, o que causa toda essa reverberação na mídia é o fato de que esta ação não seja mais tão naturalizada.

Ainda que nosso interesse primário não seja, neste artigo, analisar essas práticas discursivas de intolerância e de desrespeito aos direitos humanos, reiteramos que estas são indispensáveis à nossa contextualização, pois situam o leitor quanto ao acontecimento; por outro lado, são proporcionadoras de ressonâncias dialógicas, subvertendo, lembrando, reacentuando e colocando às avessas outros discursos. Logo, percebemos que o gênero *memé* é amalgamado de fios ideológicos e históricos que revelam o projeto de dizer do enunciador. E é nisso que vamos nos deter.

Com o propósito de reunir um conjunto disperso de enunciados, apresentaremos esse quadro enunciativo com a exposição das figuras abaixo:

Figura 2 – o fato motivador



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZiQLUDR39dc>. Acesso em 8 de julho de 2017.

Figura 3 – *Meme* “Eu sou a Universal”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eXGeli3CeXo>. Acesso em 8 de julho de 2017.

Em primeiro plano, o *memé* analisado, figura 1, possui elementos constitutivos tanto da figura 2, quanto da 3. Essa constituição é demonstrada nos planos verbal e visual. As mesmas proposições “eu sou ladrão e vacilão” e “eu sou a universal” estão na ordem do repetível, assim como a face do menor, figura 2, retirada da exibição do YouTube. São elas que, inclusive, auxiliam o sujeito leitor quanto à compreensão dos efeitos de sentido do enunciado concreto, que é singular e irrepetível. Essa repetibilidade dada pelo linguístico,



assumida por uma heterogeneidade mostrada, por meio do discurso direto, é geradora de um novo acento, dedeslizamentos; convoca, portanto, novos sentidos.

A esse respeito, o sujeito a que se refere o *meme*, por exemplo, “ladrão” e “vacilão” parece extrapolar o sentido primeiro. Dado e novo estão em um jogo enunciativo. O sujeito que rouba e vacila não só referenda o menor da imagem, mas sugestiona uma inclusão do “bispo morcego” nesse mesmo enquadramento de nomeações ou nomações. No que se refere às nomações, Siblot (1998), baseado em Bakhtin, apresenta que toda ação de nomear é gestada pela alteridade, ou seja, aquele que nomeia revela uma posição sobre aquele que é nominado. Esta, por sua vez, implica uma expressão e uma definição de si. Assim sendo, todas as nomações feitas no *meme* são construídas a partir do sistema de valores que possui o enunciado; são, assim, valorativas. Logo, toda linguagem utilizada na elaboração desses enunciados analisados é provocadora de criar e recriar sentidos entre sujeitos sociais.

O enunciador de Bispo Morcego, nesse sentido, tão claramente expresso em outros *memes* e na sua própria página do *Facebook*, assume uma postura de crítica, de depreciação, ao jogar com a linguagem. Toda palavra, signo ideológico, empregada nesse enunciado – *ladrão* e *vacilão* – possui um acento de valoração, conduzido por meio da entonação expressiva (tom emotivo-volitivo). Elas, portanto, são prenes de forças que regulam as ideologias dos campos discursivos a que se filiam. Por essas razões, cabe-nos o questionamento: que sujeito ladrão e vacilão é esse que se enuncia como eu? Parece-nos que, pela combinação verbo-visual, dirige-se ao bispo Edir Macedo. Algumas razões nos justificam tal resposta: a primeira, linguística, uma vez que o nome “bispo morcego” está linguisticamente expresso em letras garrafais no *meme*; a segunda, histórica, pois são vários os escândalos e as denúncias de corrupção e lavagem de dinheiro da IURD que foram publicizadas pela mídia, a exemplo da reportagem da *Veja* em 2011<sup>93</sup> e dos vídeos que circulam no YouTube intitulados “Edir Macedo ensina a roubar fiéis”. Esses são os dados históricos que corroboram essa leitura.

Através de uma relação dialógica humorística, arquetonicamente expressa por meio do discurso direto e pelo discurso propagandístico “eu sou a universal”, o enunciador desnaturaliza, descredibiliza os testemunhos nos quais os fiéis da IURD narram seu passado desafortunado, opondo-se ao presente de sucesso e de prosperidade. Sob o slogan “eu sou a universal”, os fiéis, geralmente bem trajados, conforme o da figura 3, enumeram as “bênçãos” para justificar o “eu sou a universal”. Contudo, como jogo enunciativo, o autor do *meme* significa esse discurso publicitário. O fato de o sujeito “ser a universal” ganha uma inflexão valorativa. Está acentuado no tom interpelativo desse enunciador uma evidência de reprovação, de contraposição, mas sobretudo, de responsabilização dos supostos atos criminosos praticados pelo bispo Macedo.

Assim sendo, há uma reatualização desse enunciado, subvertendo-o ironicamente. Uma das pistas linguísticas que nos conduz é a utilização dos verbos no tempo presente que demarcam uma condição atual do sujeito, diferentemente daquela esperada de um fiel da IURD, que, quando em situação de testemunho, utiliza-se sempre de verbos no pretérito para referendar sua vida pregressa. Em vez de “fui ladrão e vacilão”, o sujeito se enuncia na categoria temporal do presente; assume-se, pois, como sendo o delinquente e como aquele que erra constantemente, mas, apesar disso, continua sendo pertencente à membresia dessa igreja.

Em consonância com a teoria bakhtiniana, algumas vezes se cruzam nesse enunciado, o que caracteriza a multivocalidade, ou seja, a incorporação do *discurso de outrem* assumido pelo enunciador, com vistas a reforçar o grau de argumentação. Constatamos isso, por exemplo, quando há menção do discurso publicitário da IURD. Embora o tom valorativo empregado pelo enunciador à enunciação de outrem seja singular, essas vozes, ora

<sup>93</sup><http://veja.abril.com.br/politica/como-a-universal-lava-o-dinheiro-doado-pelos-seus-fieis/>

consonantes, ora dissonantes, estão sempre em cadeia dialógica, em interação. Essa confluência de vozes ativa também a construção de uma ironia, como um jogo, como um efeito da linguagem que subverte valores e inaugura outros sentidos.

Essa construção irônica está, também, dada e materializada no visual. Observa-se que, no *meme1*, o close na testa do menor, bem como a gradação da angulação das imagens expressa pela repetibilidade (três vezes) da mesma face desse sujeito, funcionam como mecanismos discursivos que fortalecem o interesse de ênfase na argumentação do propósito comunicativo desse enunciador. Ainda nessa percepção semiótica, encontram-se as cores preto e vermelho, presentes na testa da imagem 2, que retomam mnemonicamente as mesmas cores que compõem o símbolo da IURD. Com efeito, essas semioses ativam e fortalecem a crítica e subversão do enunciado “eu sou a universal”, equiparando-o semanticamente ao “eu sou ladrão e vacilão”.

Na esteira desse raciocínio, passemos, agora, ao segundo *meme*, que também pode ser encontrado no *Facebook*. No entanto, diferentemente do primeiro, este não foi encontrado em uma comunidade. Fizemos, neste caso, uma busca no *Google* intitulada “memes eu sou a universal”.

Figura 4 – *Meme2*



<https://www.meme4fun.com/view.aspx?img=447dd05d-05f5-4634-8da7-edecdbde9eaa.jpg>

O meme acima foi publicado em 13/07/2016, no site <https://www.meme4fun.com/mayNq>. Seguindo a mesma linha de reflexão do enunciado anterior, constatamos que o projeto discursivo desse sujeito enunciador é o de parodiar a publicidade da instituição IURD, subvertendo o(s) sentido(s) “originalmente” veiculado(s) de sucesso, de vitória e de conquista alcançados por qualquer sujeito que decida ser fiel dessa comunidade.

O enunciado é composto por uma materialidade semiótica híbrida, formada por uma parte verbal (“Eu era matador de judeus, hoje renasci em Cristo/ Meu nome é Adolf Hitler, e eu sou a Universal”) e por uma parte visual (foto do ditador alemão Adolf Hitler, em ângulo frontal, em preto e branco, em que ele aparece com demonstração de riso, de cabeça erguida, sugerindo uma postura de vitorioso). O fundo da imagem é de difícil visualização porque aparece embaçado.

É perceptível, para qualquer telespectador da Rede Record de TV (emissora pertencente ao Bispo Edir Macedo, líder da IURD), a presença do *slogan* do anúncio publicitário dessa instituição eclesial (“Eu sou a Universal”) até mesmo porque ele aparece literalmente no *meme*. Entretanto, o que se deve notar é o deslocamento de sentido que ele (o *slogan*) opera nesse enunciado concreto, mediante sua reenuniação/reestilização

(paródica), gerando um efeito de sentido diferente (e até contraditório, diríamos), anti-religioso, considerando a história do sujeito retratado na imagem, aspecto que aprofundaremos a seguir.

Em relação ao aspecto verbal do enunciado, é pertinente destacar o jogo dialógico com o uso do verbo “ser” (“era”, “sou”), conjugado, na primeira parte, no pretérito perfeito do indicativo, e no presente do indicativo na outra metade do enunciado. A propósito, reforça esse jogo verbal o emprego do advérbio de tempo “hoje” e, ainda, o uso do verbo “renasci”. Essa correlação de tempos verbais evoca, pela memória discursiva, no contexto singular desse acontecimento enunciativo, outro enunciado da esfera religiosa, que é um fragmento da primeira carta do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto (“I Coríntios”), precisamente no capítulo 5 e versículo 17, quando ele diz: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (A Bíblia, ACF). Sabe-se que o apóstolo Paulo, antes de sua conversão ao cristianismo, era um dos maiores perseguidores de cristãos de sua época, sendo responsável pela prisão e morte de muitos cristãos, daí a pertinência de esse jogo de palavras (“era”/“sou”) possibilitar a emergência dessa leitura.

Considerando ainda o enunciado em análise, há uma polêmica velada (BAKHTIN, 2013) em relação ao discurso bíblico religioso cristão segundo o qual o indivíduo, ao converter-se ao cristianismo, passa a ser “outra pessoa”, a apresentar um caráter e um comportamento diferentes aos de seu estado anterior a sua nova crença, tanto é que o texto sagrado, até mesmo em outros registros (cf. João 3.3: “Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”), faz referência a um novo nascimento (ou “renascimento”, para usar um termo similar ao utilizado no *meme*).

Nesse sentido, há um efeito de sentido irônico/sarcástico/paródico a uma suposta hipocrisia desse discurso, uma vez que o indivíduo é considerado “santo” mesmo tendo sua vida anterior apresentado um comportamento moral duvidoso, eticamente reprovável. A imagem do ditador com um semi-sorriso no rosto parece corroborar esse sentido de sarcasmo produzido pelo enunciador: é como se fosse incompatível e soasse paródica essa mudança de comportamento de um sujeito que, historicamente, é reconhecido como alguém que praticou atrocidades contra milhões de pessoas, especialmente de nacionalidade judia.

Outro aspecto que merece ser observado é quanto ao nome do sujeito que fala no *meme*. Nos anúncios da IURD (“Eu sou a Universal”), aparecem depoimentos tanto de pessoas comuns (fieis da igreja), quanto de pessoas públicas, como atletas (Ana Paula Borgo, da Seleção Brasileira de Voleibol; Gustavo Boccoli, jogador de futebol etc.), empresários, artistas, mas todos os casos como exemplos de superação. Nesse sentido, o nome do sujeito retratado é significativo porque, a exemplo do que ocorre na publicidade de modo geral, o marketing da felicidade e do sucesso financeiro, social etc. é uma estratégia de promoção do “bem” anunciado: “ser” Universal é garantia de uma vida muito bem-sucedida! O efeito cômico-paródico, entretanto, fica por conta do nome de Adolf Hitler, cujo depoimento de “sucesso” seria o feito do Holocausto, um dos maiores genocídios da história, com a dizimação de seis milhões judeus e milhões de outras pessoas no século XX.

O enunciado em tela comunga, no plano espaço-temporal em que foi produzido e no qual circula, diferentes enunciados, recuperáveis verbalmente (como no caso dos textos bíblicos de Paulo e do evangelista João), ou de forma visual (a figura/imagem de Hitler traz a memória de um período negativamente valorado da história). O sujeito autor desse *meme* elabora um projeto enunciativo construído sob uma base cômico-satírica e, com isso, censura a IURD por possivelmente veicular um discurso de prosperidade às custas de uma exploração financeira do fiel, subjugando-o, sob a forma de uma espécie de nova “indulgência”.

A parte final do enunciado (“Eu sou a Universal”) traz de modo muito explícito a questão da identidade. “Ser Universal”, de acordo com o tom emotivo-volitivo e valorativo

dos anúncios da IURD, é assumir uma identidade de um sujeito super-herói, transcendente ao humano, que supera todas as adversidades (problemas financeiros, de relacionamentos pessoais, de saúde etc.). O *memedo* Adolf Hitler, com seu discurso reverso, opera com uma ruptura com essa ideologia, instaurando um efeito de humor mediante o deslocamento de sentido operado pela evocação a uma memória discursiva atravessada por vozes díspares, dissonantes.

#### 4 Considerações Finais

Conforme evidenciado neste trabalho, todas as formas de interação social dão-se por meio de enunciados concretos, singulares e únicos, efetivamente produzidos por sujeitos situados sócio-historicamente, quedifundem os mais diferentes pontos de vista acerca dos objetos de discurso sobre os quais enunciam. Com o *meme* não é diferente, pois o compreendemos como mais um dos muitos elos da comunicação discursiva, para usar uma metáfora bakhtiniana, que pela via do humor, reflete e refrata o mundo à sua volta.

A análise dos enunciados revela que os sentidos veiculados pelos *memes* provêm de sua inserção em um universo discursivo saturado de discursos de outrem, numa rede dialógica que mobiliza, aqui e agora, por meio de uma memória discursiva, enunciados provenientes de diferentes esferas discursivas. Esses enunciados, por sua vez, postos em relação dialógica, produzem sentidos carregados de uma expressividade e de uma entonação avaliativa que se traduz na concretização de um projeto enunciativo, de uma vontade discursiva, como é o caso dos sujeitos autores dos *memes*.

A leitura dialógica desses enunciados demonstra uma intenção discursiva de valorização (negativa) a IURD, com vistas a refratar, de forma paródica, o modo de funcionamento dessa instituição, conhecida na nossa sociedade como difusora de uma teologia da prosperidade, cuja mensagem se vale de uma arquitetura de positividade, de uma vida regalada em todos os aspectos (emocional, social, econômico etc.). Os *memes* em análise corroboram a tese de que nossos enunciados constituem sempre uma postura axiológica, uma tomada de posição frente aos objetos de discurso que nos são dados à *compreensão*, isto é, sempre nos pronunciamos em relação a um determinado tema, a um dado assunto, sendo impossível não estabelecermos relações como outras posições.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M.. Os gêneros do discurso. In \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.

- BRAIT, Beth. **A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004> Acesso em: Julho 2017.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Runino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.18, p.121-137, 2004.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SIBLOT, Paul. Nominatio et point de vue: la composantedéitique des catégorisations lexicales. In: CISLARU, Georgeta ; GUERIN, Olivia; MORIN, Katia; NEE, Emilie ; PAGNIER, Thierry; VENIARD, Marie. **L'Acte de nommer**. Une dynamique entre langue et discours. Paris, PressesSorbonneNouvelle, 1998, p. 25 - 38.
- VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura do enunciado**. [Tradução de Ana Vaz]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81664106/BAKHTIN-Estrutura-Do-Enunciado>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.
- VOLOCHINOV, V. N. / BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

Recebido em 10/08/2017

Aceito em 20/12/2017